

Estética, crenças e ambiência: as representatividades das plantas ornamentais em quintais urbanos de Abaetetuba-Pará

Aesthetics, beliefs and ambience: the representativeness of ornamental plants in urban backyards of Abaetetuba-Pará

Gerciene de Jesus Miranda Lobato^{1(*)}
Flávia Cristina Araújo Lucas²
Manoel Ribeiro de Moraes Junior³

Resumo

O cultivo de plantas nos quintais é uma expressão do modo de vida, que regula o que as pessoas fazem, pensam e agem dentro de um contexto cultural e ambiental. A partir dessa constatação este estudo objetivou descrever, compreender e explicar as múltiplas representatividades das plantas ornamentais em quintais urbanos no Bairro Mutirão, Abaetetuba, Pará, Brasil visando elucidar a sua importância para o bem-estar humano. Foram selecionados, por amostragem probabilística, 189 quintais do Bairro Mutirão. As informações obtidas com a comunidade do Mutirão basearam-se em entrevistas semiestruturadas, observação não participante, anotações no diário de campo e turnê guiada. Os nomes das espécies vegetais categorizadas como ornamentais foram atualizados numa base de dados online. Nos quintais visitados, foram inventariadas 132 espécies vegetais, sendo 35 destinadas à finalidade ornamental. A família botânica de maior destaque foi Araceae, com maior citação de uso para *Codiaeum variegatum* (L.) Rumph. ex A. Juss. (brasileira); *Rosa multiflora* Thunb. (rosa branca); *Sansevieria trifasciata* Prain (espada de São Jorge) e *Caladium* spp. (tajá). Cada espécie tem um valor atribuído conforme sua utilidade para a família ou o tipo de relacionamento existente entre morador e o recurso vegetal. Os interlocutores relataram espécies pertencente a categoria estética (58%), mística (22%), afetiva (8%), comercialização (6%) e sombreamento (6%).

-
- 1 Licenciada em Ciências com habilitação em Química; Doutoranda em Ciências Ambientais na Universidade Federal do Pará; Endereço: Rua Augusto Corrêa, 01, Campus: Básico, CEP: 66075-110, Belém, Pará, Brasil; E-mail: gercienelobato@hotmail.com (*) Autora para correspondência.
 - 2 Dra.; Ciências Biológicas Modalidade Médica; Professora do Departamento de Ciências Naturais, Centro de Ciências Sociais e Educação na Universidade do Estado do Pará, UEPA; Endereço: Rua Djalma Dutra s/n, Telégrafo, Caixa-postal: 399, CEP: 66113-200 - Belém, Pará, Brasil; E-mail: copaldoc@yahoo.com.br
 - 3 Dr.; Teólogo, Filósofo; Professor Adjunto III do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará; Endereço: Rua do Una, nº 156, Prédio Castelinho, Primeiro Piso, Telégrafo, Caixa-postal: 399, CEP: 66113-200 - Belém, Pará, Brasil; E-mail: manoelmoraes@uepa.br

Recebido para publicação em 9/3/2016 e aceito em 2/10/2016

Os quintais das casas construídas em bairros periféricos ou de fronteira como o Mutirão, materializam, nas plantas, expressões culturais de intensos saberes.

Palavras-chave: biodiversidade vegetal; saberes; sociocultura.

Abstract

Raising plants in backyards is a way of life expression, in which people do, think and act within a cultural and environmental context. According to this observation our aim is to describe, to understand and to explain the multiple representativeness of ornamental plants in the backyards of neighborhood *Mutirão, Abaetetuba, Pará, Brazil* to elucidate their importance to human well-being. 189 backyards were randomly sampled in *Mutirão* neighborhood. Information were obtained from the *Mutirão* community based on semi-structured interviews, non-participant observations, notes in field diary and guided tour. The names of plant species categorized as ornamentals have been updated in an online database. In backyards visited were inventoried 132 plant species, 35 intended for ornamental purpose. The most prominent botanical family was Araceae, more quote from use for *Codiaeum variegatum* (L.) Rumph. ex A. Juss (Brazil); *Rosa multiflora* Thunb. (White Rose); *Sansevieria trifasciata* Prain (sword of St. George) and *Caladium* spp. (Taja). Each species has an assigned value as its usefulness to the family or the type of relationship between resident and vegetable resource. Callers reported species belonging to aesthetic category (58%), mystical (22%), affective (8%), commercialization (6%) and shading (6%). The backyards of the houses built in peripheral or border districts like *Mutirão*, materialized in plants cultural expressions of intense knowledge.

Key words: plant biodiversity; knowledge; socioculture.

Introdução

As formas de agregação social e de suas expressões culturais são resultados das ações humanas que faticamente se revelam numa de suas singularidades, a saber, nos diversos modos de cultivo agrícola sempre em consonância com o modelo de ordenamento social. Os estudos etnológicos associados ao universo botânico se conduzem na cooperação das próprias pesquisas botânicas, de um lado, e, do outro, no contexto das

ciências humanas que tratam das identidades e significações constituídas na hipotética fronteira entre cultura e natureza.

É importante notar que, no processo de estudo das culturas e sociedades, as expressões humanas nunca estarão sujeitas totalmente às perenidades conceituais com as quais os textos científicos lutam por apreender em suas redações. Demorgon (2010, p. 3-34) afirmou, com muita perspicácia, que as expressões e as formas de organização de uma sociedade estão em

constante ciclo de modificação, invenção e recriação intersubjetiva. Seguindo esse horizonte, em linhas gerais, pode-se afirmar que a presente pesquisa insere o conceito de etnobotânica ao ressaltar a materialidade e imaterialidade cultural como práxis dinâmica de transformação de elementos botânicos, estabelecendo em uma realidade fitológica antropizada. Assim, pode-se especificar mais ainda que este artigo está assentado na cooperação interdisciplinar ao incluir, na socialização botânica, as transversalidades temáticas da saúde, estética e religião.

O cultivo de plantas tem sido reportado desde as primeiras organizações humanas e seu uso em quintais é uma tradição repassada de geração a geração em determinadas localidades (BOTELHO et al., 2014). Os quintais dotados de elementos naturais e artificiais suprem as múltiplas necessidades das populações, sejam relacionadas à alimentação, medicina, abrigo, edificações, lazer, artesanato ou embelezamento (CARNIELLO; PEDROGA, 2008).

Nos países insulares do Pacífico, mesmo em áreas não reconhecidas por sua diversidade agrícola, como Kiribati, Tuvalu e Nauru, cultiva-se nos quintais das casas uma ampla variedade de árvores frutíferas, plantas produtoras de amido, plantas alimentícias suplementares e plantas úteis não alimentícias (THAMAN, 1995). No Sri Lanka a produção nos quintais é uma prática antiga que tem ajudado a aumentar a segurança alimentar e nutricional e melhorar os meios de vida de diversas maneiras (GALHENA et al., 2012). Nas cidades, as espécies utilizadas para ornamentar são cultivadas e mantidas nos quintais, principalmente, para alegrar e enfeitar o ambiente (FRACARO; GUARIM, 2008), porém sua função varia conforme a localização geográfica e/ou o perfil do

morador. Certo, assim, é que a prática do cultivo botânico que se revela histórico e intercultural, espelha o modo de como pessoas contidas a um contexto cultural pensam e agem no seu espaço ambiental quanto à saúde, auto sustentabilidade, práticas religiosas inclusive de cura, alimentação, estética do corpo e do espaço de convivência, diversão, moradia, e outras expressões de *modus vivendi* (SIQUEIRA; PEREIRA, 2014, p.250).

Pesquisas têm demonstrado que, nas grandes cidades do Brasil como São Paulo e Curitiba, a preferência pelo cultivo de ornamentais é, possivelmente, explicada pela condição de pouco espaço ou pela estética oferecida por suas flores (OTTMANN et al., 2011; SANTOS et al., 2014). Diferente da Amazônia, em que as espécies que adornam são importantes na cultura, no bem estar dos moradores e na ambiência da residência, além de melhorar a paisagem, contribuir para a conservação de recursos genéticos e traduzir valores simbólicos ou mágicos (SIVIERO et al., 2014).

Nos estudos de Souza e Guarim Neto (2010), os dados etnobotânicos em comunidades do Mato Grosso mostraram que espécies consideradas místicas, paralelamente possuem indicação de uso ornamental, fato explicado, possivelmente, pela facilidade de cultivo e pela relativa beleza ou, em uma perspectiva antropológica, infere-se que o misticismo está presente na cultura humana, manifestando-se de diversas maneiras. É típico que as sociedades mais assentadas nas tradições culturais, as revelações simbólicas substanciam as expressões éticas, religiosas, estéticas etc. (BERGER, 1985). Cada uma das manifestações culturais está tecida conjuntamente com as outras de tal modo que uma não sobreviva significativamente sem a outra.

A presente pesquisa se desenvolveu

em um Bairro da cidade de Abaetetuba, Pará. Segundo o trabalho etnográfico de Flávio Bezerra Barros (2009), realizado neste município, Abaetetuba (do tupi, *aba* - homem, *ete* - forte, verdadeiro, *tuba* - lugar de abundância) é uma cidade que aglomera 72 ilhas e tem sua cultura formada por populações ribeirinhas, urbanas e étnicas (indígenas e quilombolas). O transporte predominante são embarcações, motocicletas e bicicletas. A atividade econômica gira em torno do extrativismo e do comércio da pesca, açaí e agricultura. O mundo hidrográfico converge principalmente os rios Tocantins, Maratauíra, Arapapu, Acaraqui, Piquiarana, Tucumanduba, Caripetuba e Xingu.

Nas visitas aos quintais do Mutirão, foi possível inventariar plantas ornamentais com diversas funções que variam de acordo com as crenças, religiões, costumes e hábitos dos moradores. Essas constatações suscitaram o interesse em discutir estes dados, por isso o estudo objetivou descrever, compreender e explicar as diversas representatividades das plantas ornamentais em quintais urbanos no bairro Mutirão, Abaetetuba, Pará, Brasil visando elucidar a importância destes para o bem-estar humano.

Material e Métodos

Contexto estudado

O estudo foi realizado na área urbana do município de Abaetetuba, que se localiza na mesorregião do Nordeste Paraense (01° 43' 24" de latitude Sul e 48° 52' 54" de longitude a Oeste) (SANTOS; COELHO-FERREIRA, 2011), ocupa uma área de 1.610,74 km² e conta com uma população de 139.819 habitantes (IBGE, 2010). No início do século XX, a região de Abaetetuba passou a se firmar como entreposto comercial de

produtos regionais tais como pescado, frutas, ervas e outros, dispostos pelos ribeirinhos dos arredores do rio Maratauíra.

No século presente, o ordenamento socioeconômico de Abaetetuba vai além das relações culturais e ambientais, pois agrega intensa atividade comercial que atrai também os setores industriais (sobretudo o da metalurgia) e de serviços especializadas ou não. Com base em Pena et al. (2014), a intensidade econômica dessa região forçou a criação de políticas públicas para a criação de um ambiente urbano com serviços básicos de saúde, educação pública e de qualificação profissional, além da infraestrutura sanitária, de moradia e de crescimento econômico. O potencial industrial, de produção agrícola, e de outros setores econômicos de Abaetetuba representa 10% do PIB do Pará, tornando a região extremamente atrativa para imigrantes.

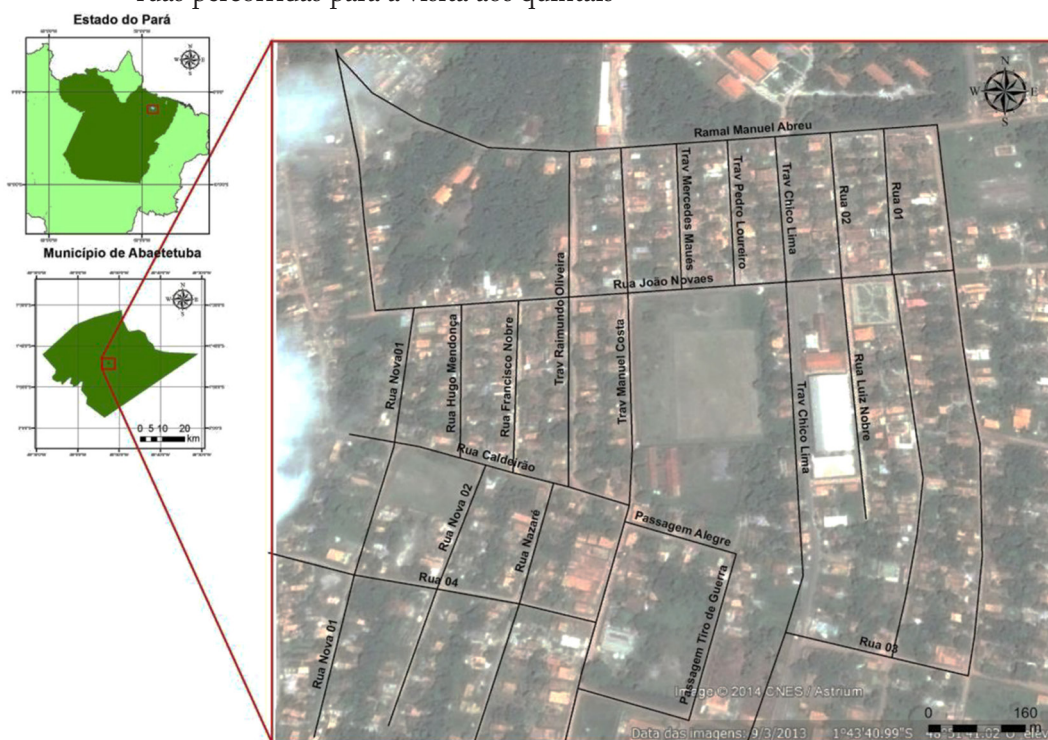
Abaetetuba possui 14 bairros distribuídos na sede municipal, dentre os quais está o bairro Mutirão (Figura 1). Com histórico de ocupação de 25 anos, o Mutirão apresenta o *campus* da Universidade Federal do Pará, centro comunitário, igrejas, escola de ensino fundamental e unidade de saúde. O bairro tem, aproximadamente 2214 habitantes (IBGE, 2010), e é uma área em expansão urbana. Como acontece com todo o município de Abaetetuba, os habitantes são intensamente religiosos e envolvidos em diversas matrizes religiosas como as católicas, protestantes, evangélicas, espíritas, afroreligiosas, religiões de beberagem, práticas xamânicas e outras expressões.

As ondas migratórias em Abaetetuba seguem o atrativo do desenvolvimento econômico regional. O multiculturalismo é marca distintiva. O bairro Mutirão representa um trânsito entre um mundo, de um lado, "agrícola e familiar" e, de outro, um mundo

urbano de propriedade privada e de indivíduos distintos por seu poder de aquisição econômico. Nesse bairro mais afastado do centro comercial de Abaetetuba, as casas têm grandes quintais e ali se desenvolvem atividades botânicas, atividades que são

memórias de tradições botânicas com os quais se manejam expressões alimentares, estéticas, religiosas e de saúde. As propriedades são privadas, mas são constituídas como pequenos espaços agrícolas onde os quintais têm destaque espacial, cultural e familiar.

Figura 1 - Mapa de localização do Bairro Mutirão, Abaetetuba, Pará, com a indicação das ruas percorridas para a visita aos quintais



Fonte: Lobato et al. (2016).

Procedimento metodológico

Na visita ao Mutirão pode-se observar logo de imediato a presença de plantas ornamentais nas fachadas das residências, com atrativo colorido das flores. Esse fato associado ao tempo de moradia superior a 10 anos, arborização e acessibilidade às residências, foram critérios para seleção desse bairro. Após essa etapa foi solicitado consentimento

prévio, com a liderança comunitária, para a realização da pesquisa e assinatura do Termo de Anuência Prévia (TAP).

Os dados foram obtidos no período de junho/2013 a fevereiro/2014, em quintais distribuídos em 19 ruas do bairro. Nesta pesquisa, o quintal é o espaço delimitado pelo interlocutor que compreende toda a área ao redor da casa. Os quintais foram selecionados por amostragem probabilística do tipo

aleatória simples (ALBUQUERQUE et al., 2010), e o tamanho da amostra foi calculado com intervalo de confiança de 5%, da seguinte forma:

$$n_0 = 1 / (E_0)^2 \quad (1) \text{ e}$$

$$n = N \cdot n_0 / N + n_0 \quad (2),$$

onde: n_0 - tamanho provisório da amostra; E_0 - erro amostral; n - tamanho da amostra e N - tamanho da população (BARBETA, 2008). O valor resultante foi de 189, que correspondeu ao número de quintais estudados.

As informações com a comunidade do Mutirão basearam-se em entrevistas semiestruturadas, observação não participante, anotações no diário de campo e turnê guiada (ALBUQUERQUE et al., 2010). As entrevistas foram desdobradas em diálogos para uma compreensão das circunstâncias culturais nos quais os quintais eram manejados. As perguntas dos formulários procuravam coletar as compreensões botânico-simbólicas dos interlocutores quanto as plantas cultivadas como ornamentais. Estas, de acordo com o uso reportado pelo interlocutor, foram classificadas nas seguintes categorias: estética, mística, afetiva, comercialização e sombreamento. As estéticas referem-se a beleza. As místicas estão ligadas ao aspecto cultural e religioso. As afetivas têm uma interpretação relacionada com a vida do morador, por exemplo, a planta é recebida como presente e/ou lembra uma pessoa querida. As plantas destinadas à comercialização são descritas conforme seu valor econômico e as categorizadas para o sombreamento tem significado maior para o conforto térmico.

Em cada quintal visitado, o interlocutor

indicava o nome vernacular das plantas e depois estas eram fotografadas com câmera modelo Samsung. A identificação taxonômica das espécies foi realizada por um parataxonomista do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e as atualizações dos nomes e famílias botânicas ocorreu junto a base *online* da Lista de Espécies da Flora do Brasil⁴ e do Missouri Botanical Garden (TROPICOS, 2014).

Resultados e Discussão

Nos quintais, foram registradas 132 espécies vegetais sendo 34 destinadas à finalidade ornamental. Destas, 13 são nativas e 21 introduzidas, provenientes de regiões e estados brasileiros, assim como, de outros países (Tabela 1). Encontradas nos mais variados locais como quintais, praças, parques, lavouras, as plantas introduzidas, também conhecidas como exóticas, segundo conceitos discutidos por Schneider (2007), estão intimamente relacionadas à presença humana, estando associada ao processo de imigração e fixação da família em determinado local, de modo que seu levantamento serve para prevenir e controlar possíveis danos ao ambiente natural, pois muitas vezes, não se conhece o grau de agressividade que uma espécie introduzida pode apresentar.

A família de maior representatividade foi Araceae seguida de Asparagaceae e Rubiaceae. Plantas pertencentes a essas famílias têm importância econômica e ornamental em jardins e decoração (FERREIRA et al., 2009), além de serem exploradas como alimentícias e também na indústria farmacêutica (COELHO et al., 2006).

4 <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>.

As espécies com maior citação de uso foram *Codiaeum variegatum* (L.) Rumph. ex A. Juss. (brasileira); *Rosa multiflora* Thunb. (rosa branca); *Sansevieria trifasciata* Prain (espada de São Jorge) e *Caladium* spp. (mão aberta, tajá). Nos estudos de Siviero et al. (2014) *Sansevieria trifasciata* Prain e *Dieffenbachia amoena* Bull. foram as mais frequentes nos quintais do Rio Branco, Acre,

devido a seu uso mágico. Também chamadas de ‘plantas de força’ ou ‘plantas de poder’, são empregadas em rituais místico-religiosos ou para benzimentos e banhos de cheiros, além de serem cultivadas nos quintais e em vasos, com a finalidade de proteção contra males populares, tais como más intenções, ‘olho gordo’, inveja e ‘bucha caído’ (SIVIERO et al., 2014).

Tabela 1- Plantas ornamentais cultivadas nos quintais do Bairro Mutirão, Abaetetuba, Pará

Nome Científico/ Família	Etnoespécie	Etnocategoria de uso	Nº de citações	Origem
<i>Aechmea mertensii</i> (G. Mey.) Schult. & Schult. f. / Bromeliaceae	Orquídea	E	2	N (Região Norte, no Mato Grosso e em alguns estados do Nordeste)
<i>Alpinia nutans</i> (L.) Roscoe / Zingiberaceae	Vindicar de pajé	M	2	I (Ásia)
<i>Azadirachta indica</i> A. Juss / Meliaceae	Nim	E	1	I (Índia)
<i>Begonia semperflorens</i> Link & Otto / Begoniaceae	Laço de amor	A	1	N (Mata Atlântica)
<i>Begonia</i> sp. / Begoniaceae	Begônia	E	2	N (América Tropical)
<i>Caesalpinia echinata</i> Lam. / Fabaceae	Pau Brasil	E	1	N (Mata Atlântica)
<i>Caladium picturatum</i> K. Koch & Bouché / Araceae	Orelha de veado	E	1	N (Nordeste)
<i>Caladium</i> spp. / Araceae	Mão aberta; Tajá	M/E	18	N (Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica)
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don / Apocynaceae	Boa noite/ Bom dia	E	3	I (Madagascar)
<i>Cenostigma tocantinum</i> Ducke / Fabaceae	Preto velho	S	1	N (Região Amazônica)
<i>Cereus jamacaru</i> DC. / Cactaceae	Cacto	A	6	N (Caatinga Nordestina/Vale do São Francisco)

(Continua...)

(Continuação...)

Nome Científico/ Família	Etnoespécie	Etnocategoria de uso	Nº de citações	Origem
<i>Chlorophytum comosum</i> (Thunb.) Jacques/ Asparagaceae	Croton	E	3	I (África do Sul)
<i>Clerodendron speciosissimum</i> Van. Geert/ Lamiaceae	Flor de japonês	E	9	I (África do Sul)
<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A. Juss./ Euphorbiaceae	Brasileira/ Brasileirinha/ Pingo de ouro	E	24	I (Ásia)
<i>Coffea arabica</i> L./ Rubiaceae	Café	E	2	I (África)
<i>Crescentia cujete</i> L./ Bignoniaceae	Cuieira	E	1	I (América do Norte – Flórida)
<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott/ Araceae	Comigo ninguém pode	M	10	N (América Central e do Sul)
<i>Epipremnum aureum</i> (Linden & André) G.S. Bunting/ Araceae	Jiboinha	E	6	I (Ilhas Salomão)
<i>Gerbera jamesonii</i> Adlan/ Asteraceae	Girassol	E	2	I (Sul da África e Ásia)
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L./ Malvaceae	Pampolha	E	8	I (Ásia)
<i>Ixora chinensis</i> Lam./ Rubiaceae	Jasmim vermelha	E	7	I (Índias Orientais)
<i>Ixora coccinea</i> L./ Rubiaceae	Jasmim amarela	E	7	I (Índias Orientais)
<i>Licuala grandis</i> H. Wendl. ex Linden/ Arecaceae	Palmeira	S	1	I (Nova Bretanha, ilha do Oceano Pacífico)
<i>Nephrolepis biserrata</i> (Sw.) Schott/ Davalliaceae	Samambaia	E	12	I (Cosmopolita tropical)
<i>Peperomia</i> sp./ Piperaceae	Trepadeira	E	4	N (Mata Atlântica)
<i>Philodendron</i> sp./ Araceae	Rio negro	M	1	N (Região Sudeste)
<i>Phyllanthus urinaria</i> L./ Phyllanthaceae	Dinheiro em penca	M	5	N (Região Norte)
<i>Piper arboreum</i> Aubl./ Piperaceae	Pau de angola	M	1	N (Região Sudeste)
<i>Rosa multiflora</i> Thunb./ Rosaceae	Rosa branca/ Rosa menina	C	22	I (China e Japão)

(Continua...)

(...Conclusão)

Nome Científico/ Família	Etnoespécie	Etnocategoria de uso	Nº de citações	Origem
<i>Rosa rugosa</i> Thunb./ Rosaceae	Rosa todo ano	A/C	1	I (Ásia)
<i>Ruta graveolens</i> L./ Rutaceae	Arruda	M	7	I (Europa Meridional)
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain/ Asparagaceae	Espada de São Jorge	M	17	I (África)
<i>Sansevieria zeylanica</i> Willd./ Asparagaceae	Espada de Joana Darc	E	2	I (África)
<i>Urospatha</i> sp./ Araceae	Cachorrinho	E	1	N (Amazônia)

Fonte: Lobato et al. (2016).

Nota: Legenda: A - Afetiva; C - Comercialização; E - Embelezamento; I - Introduzida; M - Místico; N - Nativa; S - Sombreamento.

As plantas ornamentais ficam dispostas na frente e ao lado da residência, normalmente em recipientes plásticos como bacias e baldes. O cuidado é de responsabilidade geralmente da mulher, pois é ela que permanece a maior parte do tempo no quintal devido às atividades domésticas que executa, como lavagem de roupa e preparação de alimentos. As mulheres fazem trocas, cambiando espécies e variedades conforme sua necessidade pessoal e familiar. Ao misturarem as espécies, criam variedades e promovem o manejo e conservação da biodiversidade, como exemplificado na fala a seguir: “*Algumas plantas são herança da casa, outras eu consegui trocando, troquei canela por rio negro, ela vigia a casa*” (L.O., 31 anos). Tem estreita relação com à subjetividade do indivíduo, ou seja, do que é essencial para ele e que precisa ter no seu quintal. No trabalho de Veiga e Scudeller (2011), foi sinalizado o papel das mulheres como especialistas no que se refere às espécies ornamentais, ratificando a responsabilidade das mesmas

na disseminação do conhecimento.

Os quintais ornamentais

As casas com quintais em Abaetetuba que, atualmente, encontram-se na fronteira ou periferia, entre o urbano e o não urbano (com moradores de origem quilombola, indígena, extrativistas florestais ou de agricultura familiar), trazem crenças e repertórios de ambientes ecológicos e rurais bem mais extensos do que eles dispõem na cidade. Contudo, não por menos, a memória de mundos ecossociais são minimamente revividos, memorizados e transpostos para os quintais. As culturas são diversas e os espaços botânicos das casas expressam a beleza, os encantos, a saúde, o sabor, e representações de muitos *ethos*. Os quintais são mundos biossimbólicos nos quais se rememorizam (RICOEUR, 2007), se experimentam novas expressões (LEVI-STRAUSS, 1998) e se trocam informações e símbolos (BOURDIEU, 2011).

Cada espécie tem um valor atribuído conforme sua utilidade para a família ou o tipo de relacionamento existente entre morador e o recurso vegetal, por isso as plantas foram distribuídas nas categorias estética, mística, afetiva, comercialização e sombreamento.

Estética

As espécies usadas para embelezar o ambiente (58%) adornam a frente das casas e distinguem-se pelos florescimentos em colorações e formatos diferentes, com folhagens que também se exibem em tons e arquiteturas atrativas, evidenciando o valor paisagístico desses quintais. Lorenzi (2013) destacou que as plantas dos jardins, além de preencherem os espaços livres, estabelecem o contato com a natureza em locais onde esta é distante e agradam o senso de contemplação do ser humano. Nessa categoria, as mais citadas foram: Brasileira (*Codiaeum variegatum*), Tajá (*Caladium* spp.), Samambaia (*Nephrolepis biserrata*) e Flor de Japonês (*Clerodendron speciosissimum*).

Muitas das ornamentais que enfeitam os quintais provêm de troca entre vizinhos e expressam um sentimento de orgulho envolvido em seu cultivo, pois alguns moradores plantam para receber elogios ou pela beleza transmitida, conforme afirmou o interlocutor: “*Planto porque acho bonito, tudo que acho bonito trago para plantar*” (D. M. S., 74 anos). Para Siviero et al. (2014), as plantas ornamentais adquirem função estética por alegrarem e embelezarem os ambientes.

Apesar da exuberante riqueza de espécies na Amazônia, a tradição nos quintais ainda prioriza os cultivos com plantas introduzidas, que predominaram neste estudo em 63%. Para Lorenzi (2013), a desinformação, destruição de ecossistemas e as próprias tradições de uso restringem o

cultivo e a divulgação de espécies nativas. A inserção de ornamentais nativas nos ambientes colabora para a preservação da flora local e reforça identidades regionais (HEIDEN et al., 2006).

Mística

As plantas inseridas nesta categoria servem para todo o ambiente, pois protegem a unidade familiar, e incluem todo o quintal, a casa, a saúde dos moradores, o incremento na renda familiar, a prosperidade e a sorte. As ornamentais místicas (22%) são indispensáveis aos moradores por significarem positividade e proteção. Das oito etnoespécies listadas, Espada-de-São-Jorge (*Sansevieria trifasciata*), Comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia seguine*), Arruda (*Ruta graveolens*) e Dinheiro em penca (*Phyllanthus urinaria*) se destacaram em todos os quintais.

Organizadas em locais pré-selecionados pelos moradores, as místicas ficam frequentemente posicionadas próximo à porta de entrada da residência, em função das crenças das pessoas, provenientes de gerações pretéritas ou de ditos populares que se disseminam devido aos benefícios que geram para aqueles que cultivam essa prática. Por exemplo, para obter o efeito desejado com a etnoespécie Rio Negro (*Philodendron* sp.), é necessário que a planta seja curada¹ com água de carne durante três sextas-feiras seguidas e depois colocada na parte da frente da residência. Segundo a moradora, após esse ritual, a Rio Negro está preparada para vigiar a casa. Gurgel (2010) discutiu que os ritos se revelam como práticas condicionantes para obtenção dos benefícios místicos, que

¹ Planta curada é aquela que passa por um tratamento, um tipo de ritual, antes de ser inserida no local.

devem alcançar a proteção, saúde e cura, numa eficácia simbólica que relaciona saberes populares e recursos vegetais.

Sansevieria trifasciata, *Dieffenbachia seguine*, *Ruta graveolens* e *Phyllanthus urinaria* também conferem proteção a casa. Há ainda Mão-aberta (*Caladium* spp.), cultivada na entrada do quintal para atrair pessoas de coração bom. A arruda (*Ruta graveolens*) é muito respeitada por afastar as energias negativas do quintal que, ao ser protegido, confere a mesma proteção para o interior da moradia, ou seja, os cuidados místicos se iniciam no quintal para que “coisas ruins” (principalmente inveja e mau olhado) não entrem na moradia da família, simbolizada como sagrada. Nos rituais de rezas e benzeduras, a arruda é aplicada para curar o “mau olhado” ou o “quebranto”, mal estar físico e espiritual que aflige membros das populações (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009). Nos quintais visitados, o bem estar pessoal e a tranquilidade do lar são decorrentes, também, da proteção e positividade transmitida pelas plantas.

Alguns moradores usam a Espada-de-São-Jorge porque ouviram relatos dos seus poderes mágicos, fato mencionado na seguinte fala: “*A espada-de-São-Jorge eu peguei da rua, dizem que é boa para proteger*” (M. C. R., 54 anos). O nome dessa etnoespécie foi atribuído em função de o formato de suas folhas lembrar a espada do famoso Santo Cristão São Jorge, que enfrentava o mal e matou o dragão com sua arma poderosa. Desse modo, essa planta tem a capacidade de proteger, purificar, “cortar” a inveja e trazer prosperidade. Cada quintal é um experiência, de bricolagem (LEVI-STRAUSS, 1998), onde se experimentam novas formas de manuseio de plantas, de beleza, de cura, de acesso ao sagrado.

Vindica-de-Pajé (*Alpinia nutans*) e Pau-da-Angola (*Piper arboreum*) são empregados com maior frequência no mês de junho nos festejos de Santo Antônio e São João. O padroeiro do Bairro Mutirão é Santo Antônio, e sua festa motiva alguns moradores a cultivarem essas espécies para doar na festividade em forma de banhos de cheiro.

Afetiva

A afetividade, para o interlocutor, é perpassada pelos momentos e emoções vivenciados no passado, relacionando as memórias da infância e juventude. Na categoria afetiva (8%), encontram-se Cacto (*Cereus jamacaru*), Rosa todo ano (*Rosa rugosa*) e Laço de Amor (*Begonia semperflorens*). Existe um apego sentimental a algumas plantas que terminam por estabelecer afinidades, como as observadas com cactos e rosas. Essas preferências advêm da beleza ou predileção que o elemento da natureza provoca nos moradores; o laço de amor proporciona lembranças de momentos agradáveis na juventude. Quando essa planta foi dada por um senhor como presente a sua esposa (e, por isso), foi adotada pela família como algo que não pode desaparecer daquele quintal. A esse respeito, Silva et al. (2008) salientaram que os aspectos sociais, ambientais ou econômicos dos quintais marcam épocas e a vida de seus moradores.

Comerciais

Para fins de comercialização (6%), Rosa branca (*Rosa rugosa* e *Rosa multiflora*) são as mais procuradas no bairro, com preços que variam conforme o tamanho, a grande é R\$ 0,50 e a pequena é R\$ 0,25. É uma fonte de renda adicional que contribui em pequenos gastos familiares, como cópias de

apostilas ou pagamento de provas para os filhos. Verificou-se que o apelo comercial no cultivo de ornamentais não é uma prática estimulada no bairro. O plantio e manutenção dessas plantas está fortemente vinculado à sociocultura do que a geração de renda complementar à família.

A venda de espécies ornamentais no Mutirão não tem apego mercadológico e quando isso ocorre as espécies alimentícias são as mais vendidas. Essa evidência foi também constatada por Carneiro et al. (2013), em que as frutíferas dos quintais são comercializadas quando há excedentes.

Sombreamento

O sombreamento (6%) nos quintais é produzido pela Palmeira (*Licuala grandis*) e Preto Velho (*Cenostigma tocaninum*), sob elas encontram-se bancos, cadeiras, mesas e balanços, que convergem para a união entre famílias e vizinhos. Os brinquedos das crianças ficam nas áreas sombreadas, também propícias à realização dos deveres de casa. Além disso, os interlocutores acomodam-se na sombra para beber o cafezinho da tarde ou ainda para saborear as frutas que, rotineiramente, caem das árvores. Essa ambiência é proporcionada pelo bosqueamento do quintal repleto de árvores e arbustos, favorecendo condições de conforto térmico aos moradores e melhoramento do microclima (FRACARO; GUARIM, 2008).

Referências

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Org.). **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. Recife, PE: NUPPEA, 2010. (Coleção Estudos e Avanços).

Conclusão

Os quintais das casas no Mutirão materializam na botânica familiar elementos culturais de diversos mundos e de intensos saberes. Devem ser entendidos como espaços de múltiplos significados a partir da subjetividade de cada morador. A estética de cada uma dessas áreas é uma expressão importante da cultura local. Ela não tem presença somente na arte autônoma moderna, mas é parte na construção do mundo humano. A materialização estética numa ordenação botânica representou uma crença e também um modo de ambientação. Por isso, os quintais são mundos simbólicos de profunda expressividade, um espaço social de símbolos vivos.

Os quintais no Mutirão significaram espaços biossimbólicos que nutrem o imaginário urbano – cada vez mais escasso de tradições por consequência de estar mais apto às atividades financeiras globais. As informações ornamentais, de crenças e histórico-culturais que vêm das comunidades periféricas e mais verdes, ganham visibilidade e, com isso, preenchem continuamente a expectativa de uma experiência entre o humano e o natural; transitam informações diversas sobre cura, fé, saúde, beleza e proteção contra males somatizáveis. Menos modernizadas que os povos centralmente urbanos, as comunidades periféricas estão mais aptas ao animismo, a uma identidade coletiva com menos cisão entre o humano e a natureza.

BARBETA, P. A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

BARROS, F. B. Sociabilidade, cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 45, n. 2, p. 152-161, 2009. DOI: 10.4013/csu.2009.45.2.07.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1985.

BOTELHO, J. M.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N.; FERREIRA, M. L. Prática de cultivo e uso de plantas domésticas em diferentes cidades brasileiras. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.44, n.10, p.1810-1815, 2014. DOI: 10.1590/0103-8478cr20131036.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CARNEIRO, M. G. R.; MACHADO, A. C.; ESMERALDO, G. G. S. L.; SOUSA, N. R. Quintais Produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar (O caso do Assentamento Alegre, município de Quixeramobim/CE). **Revista Brasileira de Agroecologia**, Pelotas, v. 8, n. 2, p. 135-147, 2013.

CARNIELLO, M. A.; PEDROGA, J. A. Quintais na fronteira Brasil-Bolívia, comunidade de Clarinópolis, Cáceres. In: GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M. A. (Org.). **Quintais mato-grossenses**: espaço de conservação e reprodução de saberes. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008.

COELHO, V. P. M.; AGRA, M. F.; BARBOSA, M. R. V. Estudo farmacobotânico das folhas de *Tocoyena formosa* (Cham. & Schltdl.) K. Schum. (Rubiaceae). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 170-177, 2006. DOI: 10.1590/S0102-695X2006000200007.

DEMORGON, J. **Complexité des cultures et de l'interculturel**. Paris, Éd. Anthropos, 2010.

FERREIRA, A. C.; PEREIRA, B. F. P.; CAPRA, S. M.; MELO, L. E. As aráceas. In: JARDIM, M. A. G. (Org.). **Diversidade biológica das Áreas de Proteção Ambiental**: Ilhas do Combu e Algodual-Maiandeuá-Pará, Brasil. - Belém: MPEG/MCT/CNPq, 2009.

FRACARO, F. A.; GUARIM, V. L. M. S. Uso da biodiversidade em quintais do município de Juína. In: GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M. A. (Org.). **Quintais mato-grossenses**: espaço de conservação e reprodução de saberes. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008. 203p.

GALHENA, D. H.; MIKUNTHAN G.; MAREDA, K. A produção nos quintais e o aumento da segurança alimentar no Sri Lanka. **Agriculturas**: experiências em agroecologia, Rio de Janeiro: 2012. 12p.

GURGEL, C. **Doenças e curas**: o Brasil nos primeiros séculos. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

HEIDEN, G.; BARBIERI, R. L.; STUMPF, E. R. T. Considerações sobre o uso de plantas ornamentais nativas. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Jundiaí, v.12, n.1, p.2-7, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codigo=150010&idtema=1>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

LEVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1998.

LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL. **Rio de Janeiro**: Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

LORENZI, H. **Plantas para Jardim no Brasil** - Herbáceas, Arbustivas e Trepadeiras. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2013.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 245-251, 2009.

OTTMANN, M. M. A.; FONTE, N. N.; CARDOSO, N. A.; CRUZ, M. R. Quintais urbanos: agricultura urbana na Favela do Parolin, no bairro Fanny e no bairro Lindóia, Curitiba, Paraná. **Revista Acadêmica: Ciências Agrárias e Ambientais**, Curitiba, v.9, n.1, p.101-109, 2011.

PENA, H. W. A.; GUIMARÃES, D. S.; PORTO, M. L. **Análise da dinâmica da estrutura produzida no município de Abaetetuba, Amazônia, Brasil**. Observatorio de la Economía Latinoamericana, n. 195, 2014. Disponível em: <<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/14/economia-abaetetuba.html>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, R. S.; COELHO-FERREIRA, M. Artefatos de miriti (*Mauritia flexuosa* L. f.) em Abaetetuba, Pará: da produção à comercialização. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v.6, n.3, p. 559-571, 2011. DOI: 10.1590/S1981-81222011000300006.

SANTOS, S. R.; FRANCOS, M. S.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N. Perfil Socioambiental de Moradores que cultivam recursos vegetais em espaços residenciais no Município de Guarulhos, SP. **Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes**, Tupã, v.2, n.3, p.1-11, 2014.

SCHNEIDER, A. A. A flora naturalizada no estado do Rio Grande do Sul, Brasil: herbáceas subespontâneas. **Biociências**, Porto Alegre, v.15, n.2, p. 257-268, 2007.

SILVA, S. M.; GUARIM, V. L. M. S.; GUARIM NETO, G. Composição da vegetação em quintais no bairro do Porto em Cuiabá. In: GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M. A. (Org.). **Quintais mato-grossenses**: espaço de conservação e reprodução de saberes. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2008.

SIQUEIRA, A.; PEREIRA, S.M. Abordagem Etnobotânica do Ensino da Biologia. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 31, n.2, p.247-260, 2014.

SIVIERO, A.; DELUNARDO, T. A.; HAVERROTH, M.; OLIVEIRA, L. C.; ROMAN, A. L. C.; MENDONÇA, A.M.S. Plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série Ciências Humanas, Belém, v. 9, n. 3, p. 797-813, 2014. DOI: 10.1590/1981-81222014000300015.

SOUZA, L. F.; GUARIM NETO, G. Plantas ornamentais e místicas. I - um estudo etnobotânico em comunidades ribeirinhas, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. FLOVET - **Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora**, Vegetação e Etnobotânica, Cuiabá, n.2, p.1-68, 2010.

TROPICOS.ORG. **Missouri Botanical Garden**. Disponível em: <<http://www.tropicos.org>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

VEIGA, J. B. da; SCUDELLER, V. V. Quintais agroflorestais da comunidade ribeirinha São João do Tupé no baixo rio Negro, Amazonas. In: SANTOS-SILVA, E. N.; CAVALCANTI, M. J.; SCUDELLER, V. V. (Org.). **BioTupé**: Meio Físico, Diversidade Biológica e Sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central - v.3. Manaus, 2011.

THAMAN, R. R. Urban food gardening in the Pacific Islands: A basis for food security in rapidly urbanising small-island states. **Habitat International**, v.19, n.2, p.209-224, 1995. DOI: 10.1016/0197-3975(94)00067-C.